

International Multidisciplinary
Research Journal

Golden Research
Thoughts

Chief Editor
Dr.Tukaram Narayan Shinde

Publisher
Mrs.Laxmi Ashok Yakkaldevi

Associate Editor
Dr.Rajani Dalvi

Honorary
Mr.Ashok Yakkaldevi

Golden Research Thoughts Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial board. Readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

International Advisory Board

Kamani Perera
Regional Center For Strategic Studies, Sri Lanka

Mohammad Hailat
Dept. of Mathematical Sciences,
University of South Carolina Aiken

Hasan Baktir
English Language and Literature
Department, Kayseri

Janaki Sinnasamy
Librarian, University of Malaya

Abdullah Sabbagh
Engineering Studies, Sydney

Ghayoor Abbas Chotana
Dept of Chemistry, Lahore University of
Management Sciences[PK]

Romona Mihaila
Spiru Haret University, Romania

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Anna Maria Constantinovici
AL. I. Cuza University, Romania

Delia Serbescu
Spiru Haret University, Bucharest,
Romania

Loredana Bosca
Spiru Haret University, Romania

Ilie Pinteau,
Spiru Haret University, Romania

Anurag Misra
DBS College, Kanpur

Fabricio Moraes de Almeida
Federal University of Rondonia, Brazil

Xiaohua Yang
PhD, USA

Titus PopPhD, Partium Christian
University, Oradea, Romania

George - Calin SERITAN
Faculty of Philosophy and Socio-Political
Sciences Al. I. Cuza University, Iasi

.....More

Editorial Board

Pratap Vyamktrao Naikwade
ASP College Devrukh, Ratnagiri, MS India Ex - VC. Solapur University, Solapur

Iresh Swami
Ex. VC. Solapur University, Solapur

Rajendra Shendge
Director, B.C.U.D. Solapur University,
Solapur

R. R. Patil
Head Geology Department Solapur
University, Solapur

N.S. Dhaygude
Ex. Prin. Dayanand College, Solapur

R. R. Yaliker
Director Management Institute, Solapur

Rama Bhosale
Prin. and Jt. Director Higher Education,
Panvel

Narendra Kadu
Jt. Director Higher Education, Pune
K. M. Bhandarkar
Praful Patel College of Education, Gondia

Umesh Rajderkar
Head Humanities & Social Science
YCMOU, Nashik

Salve R. N.
Department of Sociology, Shivaji
University, Kolhapur

Sonal Singh
Vikram University, Ujjain

S. R. Pandya
Head Education Dept. Mumbai University,
Mumbai

Govind P. Shinde
Bharati Vidyapeeth School of Distance
Education Center, Navi Mumbai

G. P. Patankar
S. D. M. Degree College, Honavar, Karnataka
Shaskiya Snatkottar Mahavidyalaya, Dhar

Chakane Sanjay Dnyaneshwar
Arts, Science & Commerce College,
Indapur, Pune

Maj. S. Bakhtiar Choudhary
Director, Hyderabad AP India.

Rahul Shriram Sudke
Devi Ahilya Vishwavidyalaya, Indore

Awadhesh Kumar Shirotriya
Secretary, Play India Play, Meerut (U.P.)

S. Parvathi Devi
Ph.D.-University of Allahabad

S. KANNAN
Annamalai University, TN

Sonal Singh,
Vikram University, Ujjain

Satish Kumar Kalhotra
Maulana Azad National Urdu University



A POÉTICA DA (DES)HUMANIDADE: REFLEXÕES SOBRE A HUMANIDADE DA HUMANIDADE EM EDGAR MORIN



Diogo Gonzaga Torres Neto , Eveline Maria Damasceno do Nascimento , Karla Patrícia Palmeira Frota , Jeanne Chaves de Abreu and Yomarley Lopes Holanda

Doutorandos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM (Brasil)

RESUMO

O presente paper tem a finalidade de analisar as ideias contidas na obra de Edgar Morin – *O método 5: a humanidade da humanidade*; que retrata a humanidade e desumanidade da raça humana e seu retorno a uma nova pré-história. Edgar Morin procura ilustrar a profundidade do pensamento complexo, pensamento acerca da humanidade da humanidade. Quem somos nós? Quanto mais conhecemos o ser humano, menos o compreendemos: a dissociação entre as disciplinas fragmentam-no, esvaziam-no de vida, de carne, de complexidade, e determinadas ciências, consideradas humanas, esvaziam-no até da noção de Homem. A obra procura ligar, articular os conhecimentos dispersos pelas ciências e pelas humanidades, de forma a pensar a complexidade humana um todo. Esse estranho ser que mais sabe, reflete e se autodestrói e destrói os outros seres vivos e seus respectivos habitats.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade, Complexidade, Método.

INTRODUÇÃO

A presente textotem a finalidade de analisar as ideias contidas na obra de Edgar Morin – *O método 5: a humanidade da humanidade*; que retrata a humanidade e desumanidade da raça humana e seu retorno a uma nova pré-história.

Para isso, o autor faz uso do pensamento complexo onde aproxima Arte, Literatura, Mitologia, Ciência da religião, várias categorias científicas contidos em grandes áreas com Biologia, Sociologia, Darwinismo, psicanálise etc., a fim de chegar à humanidade do conhecimento ou – como ele mesmo denomina – simplesmente, humanidade da humanidade.

Inicialmente, o autor trata dos primórdios da biogênese, a origem da humanidade e da vida, bem como do enraizamento cósmico à emergência humanae, conseqüentemente, da origem do homem ou da raça humana. Assim, o autor baseia sua perspectiva na geração espontânea, em que a vida passa por um caso cego (blind chance): como que de uma sopa cósmica fez-se um Big Bang e, após esse episódio de “choque de matéria”, surgiu o Sol, os planetas e, obviamente, a Terra, nosso lar.

1. A origem da vida na perspectiva moriniana

Após um processo de milhares de anos, o cosmo estava pronto para receber a vida. Novamente, como

por um passo de mágica, do nada surgiram as primeiras moléculas, a primeira célula viva, os seres unicelulares e depois os pluricelulares marinhos, seguido dos seres anfíbios, os primatas e por fim o homem.

Edgar Morin fundamenta, com base no evolucionismo darwinista, que o homem advém de um ancestral comum a todos os seres vivos, denominando-o como “*processo de hominização*”, ou seja, a vida existente no homem vem da não vida – onde o cosmo criou a vida por arranjos físicos e químicos e, que numa probabilidade (diga-se de passagem, nula), surgiram todos os sistemas ao redor do nosso sol – que um dia há de perecer e trazer o fim da vida nessa galáxia.

Para fugir desse destino final (o fim do planeta e da galáxia), o autor sugere a migração planetária, caso nossa civilização chegue ao limite, evitando assim a morte da humanidade, pois “Se há morte no cosmo, não podemos escapar a essa morte; podemos somente tentar escapar da extinção do nosso sol migrando para sistemas solares pujantes” (MORIN, 2005, p.28,29).

A humanidade, de modo geral, foge da morte. Mesmo tendo um corpo limitado, sua decolagem na dominação do espaço e as inovações tecnológicas para vencer os obstáculos demonstram que o DNA humano conteria o gene responsável pela criatividade e também para a solução da morte da raça, que foge cada vez mais para longe de sua animalidade ancestral.

A grande decolagem da hominização veio quando o *homo sapiens* criou a cultura, MORIN (p.33, citando GEERTZ) salienta que “É evidente que o grande cérebro do *sapiens* só pôde surgir, vencer, triunfar, depois da formação de uma cultura já complexa, sendo surpreendente que tenhamos pensado, durante tanto tempo, o contrário”. Nesse momento, o autor ficanum dilema sobre quem surgiu o primeiro, pois a cultura é responsável pela hominização até o *Neandertal* e o *Sapiens*, pode-se deduzir que, se houve aprendizado, houve ensino e cultura.

Tais possibilidades apontadas por Morin apenas indicam sua visão sobre a origem da vida, mas deixa mais questões abertas que as narrativas míticas, sendo que a “teoria” do Big Bang nunca foi comprovada – tanto que cientistas renomados se referem à mesma como “hipótese” ou que algumas “evidências” apenas sugerem-na; outro ponto é que a geração espontânea nunca foi replicada: até hoje espécies consideradas extintas não podem ser replicadas de espécimes mortos ou fossilizados; quanto à origem do homem não existe um elo que o ligue aos anfíbios, aves répteis ou qualquer outro ser vivo, o homem é um ser altamente complexo sem nexos algum com a natureza, tanto que não é classificado em nenhuma cadeia alimentar natural (AZEVEDO, 2004a).

Morin passa pelas supostas raças ancestrais dos homens: o *Australoptecus*, *Ramapithecus*, *homo erectus*, *homo habilis*, *homo neandertal* e por fim *homo sapiens* (para outros ainda há *homosapienssapiens*), todavia cientificamente falando, até hoje não há elos entre tais fósseis encontrados, sendo muitas vezes escândalos científicos ou simplesmente fraudes, como o homem de Java que foi anunciado como o elo perdido entre os homens e os primatas, todavia o que os cientistas possuíam eram apenas os dentes desse suposto primata, onde anos mais tarde ficou esclarecido que se tratava de uma espécie extinta de javali. Um outro caso emblemático foi o homem de *Pitldown*, cujo crânio encontrado era a prova definitiva da evolução do homem, todavia foi montado com partes de um crânio humano com partes do crânio de um orangotango, com o advento da tecnologia e de análises foi possível desfazer a fraude, sem contar outras inúmeras “descobertas” que são contestadas e desfeitas cada vez mais em menos tempo (AZEVEDO, 2004b).

Cabe destacar nessa resenha que faltou ao autor considerar outras hipóteses para o surgimento da vida, do homem, do universo, dentre elas o *Intelligent design*. Em poucas palavras o *Intelligent design* trata da também “hipótese” que consistem que a vida tem início mediante uma inteligência superior à humana que arquitetou ou simplesmente planejou os sistemas existentes bem como também os sistemas complexos irreduzíveis, em que as espécies surgem prontas e vão sofrendo pequenas adaptações (microevolução), ao invés de se transformar ou migrar para outra espécie (macro evolução ou darwinismo), amplamente defendida por cientistas como Michael Behe (A caixa preta de Darwin [Zahar – 2005]), Francis Collins (Participante do projeto Genoma e autor do livro *The Language of God* [Editora gente - 2007]) e Reinhard Junker & Siegfried Scherer (Evolução: Um livro texto crítico, [SCB – 2002]); Stephen Hawking (Uma breve história do universo, [Intrinseca – 2014]), John Lennox (The Theory of infinite Soluble Groups – [Oxford - 2004] entre outros cientistas.

Morin, no aspecto ancestralidade humana, deixa a desejar ao considerar apenas um lado e invisibilizar

outras hipóteses e até mesmo o pensamento mítico (discutido superficialmente), no entanto quando adentra no que ele chama de Trindade Humana, em relação do indivíduo-espécie-sociedade, e que é manifesta pela linguagem, destaca o que pode ser atualmente observado tanto empiricamente quanto cientificamente, as características da humanidade.

2. As características da totalidade humana

A totalidade humana é manifesta na linguagem, a fala é exclusiva da humana e que forma a cultura que nesse começo tem a força de um paradoxo pois a cultura impede e permite o homem conhecer, é através da linguagem que se encontram o biológico, cultural e social.

Segundo Morin (2005, p.37), juntamente com o advento da linguagem surge a consciência e conseqüentemente a reflexão e a criatividade, inteligência nas suas múltiplas formas (*engegno*), alterando a vida em grupo, formando assim a sociedade, "doravante, não são mais as reorganizações genéticas que inovam, mas aptidões do espírito/mente" (MORIN,2005,p.39). O fruto da linguagem e da consciência é a cultura, considerada por Morin como uma segunda natureza (primeira é biológica).

O espírito é simplesmente a mente humana, sendo a consciência a mais extraordinária emergenciada mente humana (p.39). A força Eros vai se expandir em sexualidade e êxtases religiosos, ou até mesmo fetiches, cujo espírito abrir-se-á ao mundo pela curiosidade e pelo questionamento (p.40).

Outras características da humanidade como a racionalidade e técnica são tidas como a grande evidência da humanidade, pois através de técnicas (ferramentas) procura superar suas limitações humanas (correr, bater, voar, deslocar-se em longas distâncias) que o homem cria artificios para conseguir realizar suas ambições e sonhos. *Morin salienta* que "o homem é o ser menos provável e o mais desviante, o mais marginal de toda a evolução biológica; tomou o lugar central, impôs sua ordem ao planeta Terra e o dispõe doravante, ao mesmo tempo, demiúrgico e suicida." (p.41).

Também consideradas evidências da humanidade são os pensamentos mágicos (religiosos, míticos, ritos e sacrifícios), cujas as narrativas são recebidas como verdadeiras e explicam a passagem do homem em diversos estágios da vida e de seus status social, Morin assinala que "são criações de um universo imaginário e a multiplicação fabulosa dos mitos" (p.41) ou através de ações como a magia (que age no universo empírico a partir do universo simbólico, espiritual) o que habitam uma noosfera onde vivem os seres simbólicos, ideias, lendas um mundo intermediário ou espiritual.

Todas essas características estão além do indivíduo, os indivíduos morrem e a morte é desumana porque causa tal ruptura entre os vivos que permanecem e o ente que não interage mais, a morte é a mais dura realidade humana tanto que as narrativas acerca da imortalidade é o maior anseio da humanidade. Morin explica que "pela morte, participamos da tragédia cósmica; pelo nascimento, participamos da natureza biológica; pela existência, participamos do destino humano". (p.48)



Fig.1 Mapa Mental das características da humanidade em MORIN (2005.)

Fonte: Os autores, 2017

Assim a humanidade é completamente metafísica e física ao mesmo tempo, ou metabiológico e biológico, cujos os atos serão também paradoxos principalmente no que concerne ao conhecimento, pois "criou diversas ciências humanas a fim de se autoconhecer, mas que o privaram da vida e vem desumanizando, reduzindo a categorias socioculturais ou a inúteis lógicas das classificações" (p.49). Destaca ainda "estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para além disso, é nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade" MORIN, (2005, p.49,50).

3. UNIDADE TRIÚNICA DA HUMANIDADE

Um segundo momento, o autor vai chamar a atenção para a difícil arte de categorizar o homem (humanidade) pois a ideia mais próxima é a ideia de trindade (ou triunidade) onde três categorias se emaranham a ponto de a percebemos mas difícil ou impossível de separá-las. Isto posto a trindade humana, a saber: indivíduo-sociedade- espécie é produto de outras trindades (ou relações) como Cultura-Cérebro-Espírito, ou Razão-Afetividade-Pulsão. Cada um dos termos contém o outro, e a espécie está no indivíduo, o indivíduo está sociedade, logo a sociedade faz parte da espécie humana.

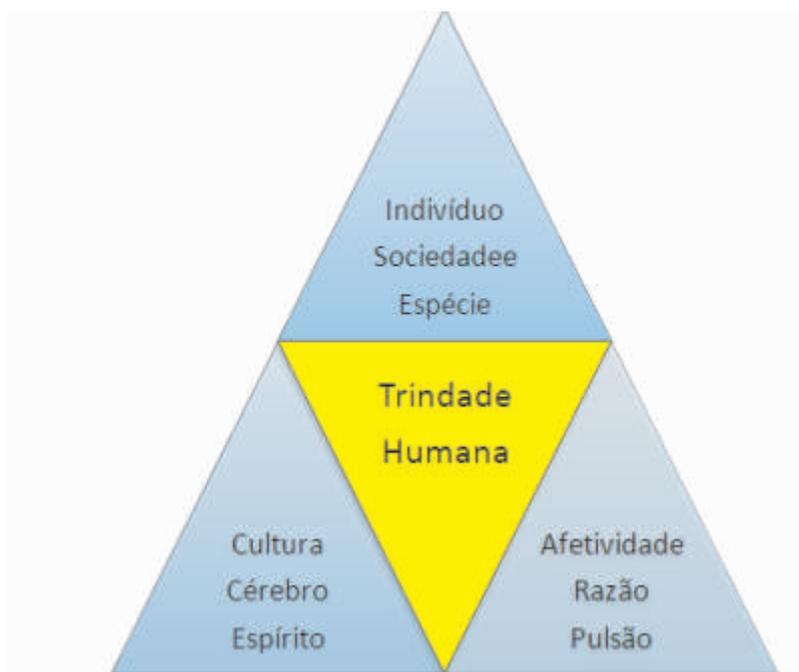


Fig.2. A relação triúnica da humanidade e suas trindades em Morin.

Fonte: Os autores, 2017

Segundo o pensador francês, os indivíduos são frutos das reproduções da espécie; as interações formam a sociedade, uma relação de vários sentidos, conforme explica que: “A sociedade vive para o indivíduo que vive para a sociedade; sociedade e indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e a sociedade” (MORIN, 2005, p.52).

As categoria triúnica se relacionam de forma dialógica; a sociedade reprime, inibe o indivíduo, este aspira emancipar-se do juízo social. A espécie possui os indivíduos e os constringe às suas finalidades reprodutoras, ou seja, o indivíduo pode satisfazer sua pulsão sexual sem necessariamente gerar um novo indivíduo fruto da cópula, portanto o homem é totalmente cultural e biológico (MORIN, 2005, p. 52).

Outra relação voltada para a trindade humana é a relação de complexo com a animalidade que só pode ser entendido de forma ou pela dimensão dialógica. O assassinato é resquício da animalidade humana, todavia o modus operandis que alguns assassinatos são cometidos envolvem mais técnicas que as vezes nem a ciência cartesiana consegue desvendar em sua totalidade.

As necessidades humanas são biológicas e ao mesmo tempo cultural, ou seja, tais acontecimentos podem ser lidos e compreendidos por qualquer gradiente desta relação triúnica. As doenças afetam tanto corpo quanto a psiqué (??? [psyché]), o corpo é tratado pelo médico. A psíquica (alma ou espírito) são tratados por feiticeiro e xamãs, confesores e psicoterapeutas e psicanalistas. Cabe a ecologia afeta tanto o corpo quanto a alma, pode-se atingir um ou outro mudando as condições de vida.

Assim, do ponto de vista da complexidade, pode-se enunciar epistemologicamente que a ciência não está separada em áreas do conhecimento humano. Mas todo o conhecimento científico está contido no humano, uma área contém a outra, conforme salienta Morin (2005,p.55) que a “complexidade da biologia poderia passar pela complexidade da antropologia”.

As ciências humanas estão fracionadas, separadas, catalogadas e compartimentadas, gerando dessa forma uma pseudo unidade científica ante a diversidade artificial. Cabe destacar que existe uma diversidade natural, biológica entre todos os seres vivos, inclusive o homem.

A diversidade humana natural é observado nos idiomas, nas culturas, nas etnias, nas divisões humanas em grupos, nos aspectos psicológico na diversidade de novos pensamentos, personalidades e sistemas de ideias, pois a própria consciência é múltipla, pois a diversidade tende ao infinito, quanto que a unidade é genérica

(MORIN, 2005, p.58).

As duas realidades (diversidade e unidade) não precisam ser antagônicas, mas podem ser percebidas como múltiplas. O homem não é apenas a soma de várias partes ou categorias cientificamente catalogadas, eis alguns dos erros de percepções científicas, reduzir demais o homem aos aspectos microscópicos bioquímicos ou genéticos e esquecer que a criatividade humana gera os maiores tesouros que são usufruídos por todos (ou vários), desde um filme no cinema, um romance, uma poesia, a religião que são maiores que a própria existência de quem os materializou-os.

Assim a vaidade humana faz parte da raiz egoísta e paradoxal, onde encontraremos ao longo da história humana homens que dão a vida pela humanidade e totalitários que tiram a vida de milhares em busca de seus próprios interesses, como salienta de forma poética Morin “o cúmulo do paradoxo é tratar um ser humano de cachorro, de boi, de víbora, de eixo, de exemplo, ou seja, jogá-lo para fora da espécie humana”, pois o homem carrega o uno múltiplo (unidade na diversidade e diversidade na unidade), onde erros e ilusões são incontáveis, probabilisticamente falando (MORIN, 2005, p. 65).

4. Alteridade humana e noção de identidade

O âmago do sujeito encontramos o EU, que mantém uma relação com o OUTRO (geralmente virtual), são os sentimentos que dão materialidade ao outro, e o traz para a o centro do uno múltiplo passando ser NÓS.

NÓS, palavra pequena que inclui o centro do uno e a fronteira final da diversidade. O que acontece com o OUTRO, muitas vezes invisível pelas forças hegemônicas, acontece ou afeta o EU, nossas escolhas afetam ao mundo, e a escolha de um cônjuge implica na exclusão de outros indivíduos (tradicionalmente falando). Assim carregamos o altruísmo e o egoísmo, como salienta Sartre “o homem está condenado a ser livre”, ser sujeito a uma força (Deus, mito, crença ou ideia) que o manterá possuído dentro de sua própria liberdade, sob o discurso de voluntariedade.

A objetividade só pode vir do sujeito (EU); a mente é o fim do sujeito. O paradoxo é reconhecer que o OUTRO é também sujeito e por isso não deixar de fora da humanidade, até mesmo os dementes (mas sob controle) que querem purificar a vida e o planeta liberando ogivas nucleares, ou seja nessa relação paradoxal encontraremos a loucura que cria e a loucura que elimina, como salienta Morin que: “não se pode eliminar a loucura, mas seria preciso conseguir eliminar os seus aspectos horríveis” (MORIN, 2005, p. 128).

Diante da “loucura paradoxal” (razão x loucura) têm-se duas alternativas cabe associarmos e ultrapassarmos. Pois mesmo alcançando níveis racionais altíssimos, observam-se comportamentos acompanhados de infantilidades, neuroses e delírios, como já salientava Platão que a lei perfeita é filha da insensatez, ou como salienta Augusto dos Anjos que “[...]a mão que afaga é a mesma que apedreja[...]”. A realidade é cruel e bela, humana e desumana, a única coisa que o ser humano tem por certeza é a morte, cujo o dia e a hora ninguém sabe, ou seja “o indivíduo não vive para sobreviver; sobrevive para viver, ou melhor, vive para viver” (MORIN, 2005, p.155).

Permitindo a distinção entre indivíduos, a identidade é marca característica do ser humano integrado a um grupo, a uma sociedade e a sua civilização. A identidade humana reúne, de modo específico, elementos físicos, sociais, biológicos e históricos numa matriz própria em que espécie humana e sociedade se integram entre semelhanças e diferenças.

As formas de pensar, as características físicas, os modos de atuação social, suas aspirações individuais, permitem a identidade humana reunir em um só ponto traços individuais e coletivos da espécie humana. Por conta desse movimento, a identidade concebe a cada um de nós a faculdade evolutiva cosmo-bio-antropológica e cultural, que se forma no desenvolvimento humano intermediado pelas interações sociais.

O patrimônio hereditário dos indivíduos está inscrito no código genético; o patrimônio cultural herdado está inscrito, primeiro, na memória dos indivíduos (cultura oral), depois, escrito nas leis, no direito, nos textos sagrados, na literatura, nas artes. Adquirida a cada geração, a cultura é continuamente regenerada (MORIN, 2002, p. 165).

Edgar Morin (2002) como defensor dessa ideia, sugere a todo ser procurar compreender o mundo, o humano e sua humanidade a partir de um modelo de conhecimento complexo e coeso na inseparabilidade das

partes com o todo, onde uma unidade dialoga com a outra por intermédio da diversidade que a circunda, promovendo sua estabilidade e desenvolvimento.

Para o autor a identidade humana reúne condições para o desenvolvimento do pensamento complexo, pois possibilita o intercâmbio epistêmico entre diversas áreas de explicação do conhecimento como a História, Antropologia, Psicologia, Sociologia, Religião, Literatura e Filosofia.

5. CULTURA E IDENTIDADE HUMANA

A exemplo desta operação, podemos citar a compreensão de MORIN (2002) sobre a origem das culturas humanas múltiplas, explicando que a recorrência ao pensamento de diversas áreas do conhecimento humano possibilita abordar a gênese e a evolução do homem introduzido no universo de sua cultura.

Conforme o autor (2002, p. 64),

a cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas tem de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras

O homem inicia a constituição de sua identidade a partir da cultura, retorna a ela validas experiências, onde o mundo se revela e se transforma pela Natureza; a cultura é plural, por isso as experiências humanas na sociedade reforçam a diferença nas ações realizadas no cotidiano social em que a cultura se estabelece como ponto fundamental na configuração da realidade.

Morin toca em um ponto importante para compreensão da identidade humana: a contemporaneidade e suas lições são próximas às de Stuart Hall(2006) quando conceitua a identidade cultural formada por “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ as culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (p.08).

Hall (2006) dialoga com Morin (2002) concebem uma visão da cultura como determinante objetivo e subjetivo das características da humanidade, pois no seu interior ocorre a estabilidade de um movimento sociocultural de compactação da identidade pelos componentes da humanidade, por isso a identidade é a humanidade da humanidade, múltiplas identidades formam a identidade humana e cada uma pertence ao todo da Cultura.

Dessa maneira, a Cultura representa o suprassumo da atividade humana na História, sendo as experiências humanas de conhecimento, criação e sobrevivência que constroem a humanidade, principais agentes modeladores da identidade. Concebendo, assim, um modo peculiar da existência de um povo, de uma civilização, ao qual os sentidos de comunidade, de família, de pertencimento e de aprendizagem organizam o sentido de Ser diante da humanidade.

É a partir deste problema epistêmico que aduzimos o caráter da identidade um produto forjado na relação dos seres humanos com outras culturas. O homem carrega consigo peculiaridades que denotam unidade genuína, porém a aparência genuína revela traços de identidades múltiplas e diferentes, então uma unidade fragmentaria que se realiza na especificidade social da identidade.

O ser humano, ao longo de sua existência aprende, exerce sua descoberta através dos saberes e dos conhecimentos, é altamente influenciado pela Cultura, ponto que se revela emergente quando as formas de ser no mundo apontam em direção à identidade humana. O processamento de conceitos, a construção de pontes intelectivas, o dialogo, tornam a identidade elemento significativo na relação do homem com o mundo.

Morin (2002) entende que a identidade humana se realiza através de uma relação dialógica entre indivíduo – espécie – sociedade. O movimento dessa dialogia aumenta a profundidade do ser humano, torna-o complexo compreende-los apenas por sua Natureza, é necessário imergi-lo na Cultura e na História.

O ser humano define-se, antes de tudo, como trindade indivíduo/sociedade/espécie: o indivíduo é um termo dessa trindade. Cada um desses termos contém os outros. Não só os indivíduos estão na espécie, mas também a espécie está nos indivíduos; não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, inculcando-lhes, desde o nascimento deles, a sua cultura (MORIN, 2002, p. 51-52)

O pensador (2002, p. 94) alerta que “o indivíduo não é noção primeira nem última, mas uma noção central da trindade humana”. O indivíduo é ente único não um todo existencial capaz de conter a multiplicidade

étnica, “os outros moram em nós; nós moramos nos outros” (p. 95).

Diante desta noção o pensamento complexo desafia e ao mesmo tempo convida a existir fora dos padrões predeterminados socialmente, onde o indivíduo ocupa lugar privilegiado, Morin convida a pensar que formamos e somos formados numa simbiose dos outros com o mundo.

O homem é racional (sapiens), louco (demens), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico; goza, canta, dança, imagina, fantasia. Todos esses traços cruzam-se, dispersam-se, recompõem-se, conforme os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a inacreditável diversidade humana. (MORIN, 2002, p. 63)

O pensamento moriniano sobre a identidade humana aponta para uma condição social em que o sujeito deve responder: 1) como devo conviver com meus semelhantes de espécie? 2) o que queremos como civilização? 3) Que modelo de existir devemos cultivar? Essas perguntas decorrem de nossas vivências, a diversidade possibilita ao homem construir sentidos, saberes e valores num processo de aquisição e definição de suas características pessoais e formação dos aspectos que compõem a identidade.

O ser humano é biossocial, organiza-se em módulos sociais com a finalidade de pertencer e evoluir juntamente com o mundo em sua volta. A Cultura coopera e ao mesmo tempo compete criando condições de compreensão e manifestos da identidade humana. É um processo evolutivo, continuidade e descontinuidade fundamentais para rotular a condição humana em que a identidade se realiza “como um processo de humanização do mundo e da própria história humana, bem como a instauração da consciência histórica” (SIDEKUN, 2006, p. 105).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Morin, nossa identidade biológica e social liga-se à nossa identidade humana e planetária, revelando-se a cultura o capital humano fundamental. Biologicamente o ser humano nasce e se desenvolve como um ser ainda não feito, cabendo à cultura a tarefa de moldar o homem enquanto indivíduo e enquanto membro de uma espécie e de uma sociedade.

A herança social do ser humano é transmitida pela cultura. Nesse sentido, as culturas alimentam e moldam as identidades individuais e sociais naquilo que elas têm de mais profundo, contraditório e específico. MORIN (2002, p. 36) assim se expressa: “A cultura é o que permite aprender e conhecer, mas também é o que impede de aprender e de conhecer fora dos seus imperativos e das suas normas, havendo, então, antagonismo entre o espírito autônomo e sua cultura”.

Somos únicos em meio à dualidade e à multiplicidade. Comportamos o diferente. Nossa identidade agrega múltiplas dimensões e características. Assim, nossa personalidade revela uma identidade polimorfa, ou seja, cada indivíduo é singular e, contudo, duplo, plural e diverso. A identidade abrange o ego demonstrando que nela o indivíduo é uno/múltiplo. Reflete, por exemplo, as questões de dualidade entre masculino e feminino e outras dialogias, estando presente em todas as demais e possíveis identidades que envolvem os indivíduos.

Permite-nos entender os modos de pensar e agir do homem e da mulher como indivíduos distintos, porém da mesma espécie, relacionando-os. O autor enfatiza a diferença entre homens e mulheres no âmbito da sociedade e da biologia, porém demonstrando o que é feminino no masculino e masculino no feminino, genética, anatômica, fisiológica e culturalmente.

Portanto, em virtude do exposto, Edgar Morin conclui que o homem e a humanidade diante da sua única certeza (que é a morte) pode escolher sobreviver de forma poética, com intensidade, como se diz no Amazonas “amar de com força”, ou como diz certa música popular brasileira:

Viver, e não ter a vergonha de ser feliz, Cantar, e cantar e encantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Eu sei que a vida podia ser bem melhor e será! Mas isto não impede que eu exista, é bonita, é bonita e é bonita.”

Morin (2005, p. 156) finaliza que há possibilidade de escolher finalidades. “Entre essas finalidades, tudo que dá poesia à vida, com o amor em primeiro lugar, é fim e meio de si mesmo [...]” viver de racionalidade e na finalidade trinitariana, a poética da (des)humanidade da semidivina comédia moriniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO, Roberto Cesar de. Genoma: passado, presente e futuro. Engenheiro Coelho – SP: UNASPRESS, 2004a.
2. _____. A origem Superior da espécies: uma nova teoria. Engenheiro Coelho – SP: UNASPRESS, 2004b
3. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
4. MORIN, Edgar. O método 5: A humanidade da humanidade – a identidade humana. 3ª.ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
5. SIDEKUN, Antonio. Cultura e alteridade. In. TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M. (orgs.) Cultura e alteridade: conferencias. Ijuí: Ed. Unihui, 2006, p. 102-123.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Book Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- * International Scientific Journal Consortium
- * OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- EBSCO
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database
- Directory Of Research Journal Indexing

Golden Research Thoughts
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.oldgrt.lbp.world